

A SOCIOLOGIA EM REDE

Experiências, caminhos e possibilidades da utilização das tecnologias informacionais como ferramentas pedagógicas nas aulas de Sociologia¹

Rogério Mendes de Lima²

Simone da Costa Lima³

Resumo

O presente artigo discute como a ação pedagógica de natureza interdisciplinar com foco na utilização das ferramentas digitais e das redes sociais on-line, nas aulas de Sociologia no Colégio Pedro II, tem possibilitado a produção de conhecimento docente e discente. O trabalho realizado permitiu o desenvolvimento de novas e ricas experiências no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo, desta forma, para a descoberta de novos caminhos e a visualização de novas possibilidades para o ensino de Sociologia na escola de Educação Básica.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, Tecnologias de Informação e comunicação, Uso da plataforma *Moodle*.

Introdução

A luta de diversos setores da sociedade e das Ciências Sociais pela reinserção da Sociologia nas grades curriculares da Educação Básica teve como resultado a promulgação da Lei 11.684 de 2008, que torna obrigatória a presença das disciplinas de Sociologia e Filosofia nos currículos do Ensino Médio. Desta forma, foi corrigida uma lacuna histórica na formação dos estudantes brasileiros. Esse novo contexto mais que ampliar a demanda, trouxe um conjunto de caminhos e possibilidades para o ensino de Ciências Sociais na Educação Básica. Uma das questões que emerge nesse contexto é o papel que essa disciplina pode ter na construção de novas estratégias de mediação pedagógica e na construção de conhecimento por parte dos estudantes. Ao mesmo tempo, o acesso às diferentes ferramentas digitais típicas da sociedade da informação tem se revelado um instrumento essencial para a produção de novas abordagens dentro e fora das salas

¹ O presente artigo é um desdobramento da comunicação apresentada originalmente no I seminário de arte, educação e cultura do Colégio Pedro II em 2013.

² Doutor em Sociologia e Antropologia pela UFRJ. Professor do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica do CPIL. Supervisor e Coordenador da Área de Sociologia e Filosofia do Programa de Residência Docente em 2013. Professor do departamento de sociologia do CPIL.

³ Doutora em Linguística Aplicada pela UFRJ. Professora de Informática Educativa do CPIL.

de aula que tem como referência a importância cada vez mais significativa da inserção de recursos tecnológicos na prática pedagógica.

Na busca por uma ação pedagógica que potencialize as contribuições das Ciências Sociais e da Informática Educativa para a formação discente, vem se desenvolvendo há alguns anos, no Campus Realengo II do Colégio Pedro II, diferentes projetos que se utilizam da plataforma Moodle. Com o uso do Moodle, são criados espaços de aprendizagem, visando ampliar as ações pedagógicas iniciadas em sala de aula e valorizar a autonomia dos estudantes e sua capacidade de produzir conhecimento sobre os fenômenos sociais. A partir de uma revisão da literatura sobre o ensino de Sociologia e de uma reflexão sobre as experiências vividas no interior de uma escola pública do Rio de Janeiro, o presente artigo discute como a ação pedagógica com foco na utilização das ferramentas digitais e das redes sociais on-line nas aulas de Sociologia no Colégio Pedro II tem possibilitado a produção de conhecimento docente e discente. O trabalho realizado permitiu o desenvolvimento de novas e ricas experiências no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo, desse modo, para a descoberta de novos caminhos e visualização de novas possibilidades para o ensino de Sociologia na Escola Básica.

1. O caminho trilhado pela Sociologia na Educação Básica

A promulgação da Lei 11.684 de 02 de junho de 2008, que reinseriu a Sociologia como disciplina obrigatória nos currículos de ensino médio, foi resultado de lutas iniciadas na década de 1980, ainda ao final do regime militar. Esse percurso se caracterizou por avanços e retrocessos que ilustram de maneira fidedigna a própria trajetória da disciplina na escola de Educação Básica, marcada pela intermitência e pelas dificuldades de reconhecimento do seu papel na formação dos estudantes e na própria reflexão sobre a escola brasileira.

Diversos autores (MORAES, 2003; MORAES, GUIMARÃES e TOMAZI, 2006; LIMA, 2009) destacam o fato de que uma das marcas do caminho trilhado pela Sociologia na escola de Educação Básica brasileira foi as diversas formas e modos como a disciplina foi percebida pelos formuladores das políticas educacionais ao longo do século XX e no início desse século.

A partir da reconstituição feita por Moraes (2003) podemos distinguir cinco etapas desse processo. A primeira fase, se situa entre 1925 e 1942, momento em que a Sociologia é vista como fundamental na formação curricular, sendo inclusive matéria obrigatória de alguns vestibulares importantes.

A segunda etapa se inicia com a reforma Capanema em 1942 e se estende até 1971 com a promulgação da Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional - a lei federal 5692/71. Esse é um período em que, diferentemente do anterior, a Sociologia perde prestígio e espaço nas grades escolares. Na maioria dos casos, se torna restrita aos cursos de formação de professores a colégios específicos, ocasionando um processo de confinamento da disciplina aos círculos acadêmicos, cujos reflexos podem ser percebidos ainda hoje, não somente na Sociologia, mas em boa parte das disciplinas escolares.

A fase seguinte corresponde ao período da década de 1970, em que se consolida o afastamento da disciplina da escola de Educação Básica, o que conduziu muitos pesquisadores à equivocada interpretação de que foi o regime militar o responsável pela exclusão da Filosofia e da Sociologia dos currículos. Raizer (2007:2) avalia corretamente que as dificuldades vividas por essas disciplinas estão inseridas no contexto de “desserviço ao campo das humanidades” implementado a partir da década de 1960 na educação brasileira. Lima (2009) aponta que, se de um lado, a postura do regime militar serviu para impedir qualquer discussão sobre o papel da Sociologia na formação estudantil, por outro, não pode ser apontada como a única razão para seu banimento dos currículos escolares. A explicação principal para esse fenômeno está na mudança de perspectiva da educação brasileira com o abandono da formação humanista em prol de uma estratégia que valoriza uma educação de caráter tecnicista e utilitário e onde as humanidades têm cada vez mais seu espaço reduzido.

Sendo assim, a retirada da Sociologia não é simplesmente uma ação tresloucada ou de cunho político-alienante dos líderes militares e seus asseclas, mas resultado de uma tensão dentro da construção da educação escolar brasileira. A incorporação da lógica behaviorista na organização curricular e metodológica da educação secundarista modifica de modo significativo os caminhos seguidos pela formação no Brasil, passando a permear todos os projetos educacionais desenvolvidos desde então. (LIMA 2009:4)

A pertinência dessa colocação se evidencia quando analisamos o período pós-regime militar, que corresponde à quarta fase, em que a luta de sindicatos, associações e diferentes setores da sociedade encontra como obstáculo uma lógica de organização dos currículos em que o espaço para as aulas de Sociologia – e de Filosofia – é considerado como elemento secundário. Apesar dos avanços percebidos a partir do paulatino retorno da disciplina às grades de ensino médio, muitos foram os obstáculos para a aceitação da obrigatoriedade da disciplina. Como exemplo mais relevante, poderíamos citar a LDB de 1996, que nega essa obrigatoriedade e dilui os conteúdos de Sociologia e Filosofia pelas demais disciplinas, e mais que isso, reduz a importância desses conhecimentos à difusa ideia de formação para a cidadania.

O momento vivido a partir de 2008, que corresponde à quinta fase, com a inserção obrigatória da Sociologia nos currículos, não significa um fim para as lutas pelo reconhecimento da disciplina, mas o início de uma nova etapa, onde se agrega às temáticas anteriores, uma necessidade de reflexão sobre as possibilidades e dilemas embutidos nesse retorno da Sociologia ao cotidiano da escola de Educação Básica e a garantia de sua permanência.

2. Algumas considerações sobre o ensino de Sociologia

Há uma pergunta incômoda, mas ao mesmo tempo absolutamente pertinente. Qual o papel da sociologia na escola? Se em geral, os cientistas sociais que atuam na escola básica concordam que o papel da disciplina no ensino básico é “a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais” e o “estranhamento dos mesmos” (MORAES, GUIMARÃES e TOMAZI, 2006:105-106), essa é uma resposta que precisa ser dada a partir de pesquisas e práticas docentes.

Sobrinho (2007) destaca a necessidade da disciplina encontrar um caminho que lhe permita se utilizar do seu patrimônio teórico e prático para propor novos caminhos para a educação escolar. Essa também é a linha adotada por diversos autores (FERREIRA e LIMA, 2012; BUKOWITZ, 2012; FERREIRA e LIMA, 2014a e 2014b; MORAES, 2010; OLIVEIRA e MORAES, 2014), que propõem

que o ensino de Sociologia possa contribuir para a produção de novas práticas e reflexões sobre a escola básica e seu papel na sociedade brasileira.

Uma das possibilidades que o ensino de Ciências Sociais - conjunto de disciplinas científicas formado pela Antropologia, Ciência Política e Sociologia, e que constituem o conhecimento apresentado pela Sociologia na escola básica – traz para a escola básica é o do desenvolvimento de novas possibilidades pedagógicas e de produção do conhecimento por parte do corpo discente. Isso só será possível a partir da implementação de estratégias que valorizem a autonomia intelectual dos estudantes, levando-os à desnaturalização e ao estranhamento dos fenômenos sociais de sua própria experiência social.

3. As ferramentas digitais e a Educação Básica

Castells (1999) analisa que a consolidação das transformações provocadas pela expansão das tecnologias da informação é responsável pela produção de novas formas de sociabilidade em diferentes esferas da vida social. Recuero (2006) afirma que atualmente a tecnologia assume uma centralidade nas relações sociais por conta do avanço da comunicação mediada por computador. De fato, a chamada sociedade da informação (CASTELLS, 1999) tem como uma de suas características a expansão acelerada dessas tecnologias, modificando o modo como os indivíduos e as coletividades se relacionam e se constroem enquanto atores sociais.

Diante dessa nova realidade, duas posturas podem ser percebidas. A primeira que considera esse novo contexto sociocultural um difusor de novas e revolucionárias práticas sociais (LEMOS e LÉVY, 2010), que permitem vislumbrar um momento posterior em que a cibercultura (LEMOS 2003) possa ser o veículo de construção de uma cultura democrática e cidadã.

Por outro lado, ainda que reconhecendo o impacto das tecnologias da informação no cotidiano, outros autores percebem que esse caráter não pode ser naturalizado. Castells (2003) destaca que a utilização dada à tecnologia não pode ser desvinculada da realidade efetiva dos atores sociais que dela fazem uso.

Em análise sobre o papel das redes sociais on-line, Ferreira e Lima (2012) reconhecem a pertinência dessa afirmação, porém apontam que um dos papéis que a Sociologia pode ter na escola básica é dar novos significados ao uso da tecnologia de modo que se possa “questionar a visão fetichista da tecnologia, acenando para o uso melhor e mais criativo dos recursos tecnológicos disponíveis” (FERREIRA e LIMA, 2012:273). Portanto, as práticas e os usos a serem feitos da tecnologia disponível são construídos na interação entre os diferentes atores envolvidos na comunidade escolar.

Outro debate importante nessa temática se refere ao acesso às tecnologias da informação, em particular o uso da internet por parte dos diferentes segmentos da sociedade, em especial dos jovens estudantes. Neri (2012) apresenta o resultado de pesquisas que constata que a desigualdade social brasileira se estende também ao acesso ao mundo digital. Nesse estudo, constatou-se que há cidades em que o acesso à internet é similar aos dos países nórdicos, com taxas acima de 70% da população tendo acesso à internet, enquanto outras localidades possuem percentual de acesso próximos a zero. A mesma pesquisa aponta que os motivos para o não acesso no âmbito nacional são a falta de interesse dos usuários (33%) e a incapacidade destes de utilizar as ferramentas (31%).

Esses dados ampliam a importância da escola de Educação Básica na disponibilização e formação dos estudantes para o uso dessas ferramentas e corroboram a ideia de que o acesso às tecnologias da informação e suas consequências não podem ser vistas como uniformes e tampouco naturais, mesmo para a geração que nasce na sociedade da informação.

Desse modo, reveste-se de importância singular a ação dos profissionais da área tecnológica na produção de diferentes ferramentas informacionais de uso pedagógico, contribuindo assim para a descoberta de alternativas que auxiliem o estudante no conhecimento, domínio e uso de todo o potencial trazido por estas tecnologias. Nessa perspectiva, são desenvolvidas as plataformas de gestão de aprendizagem (OLIVEIRA e CARDOSO, 2009), dos quais o “software” livre “Moodle” é um dos representantes.

3.1 A plataforma Moodle e a ampliação das possibilidades pedagógicas

Moodle é o acrônimo de “Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment”, que em Português corresponde a: ambiente modular de aprendizagem dinâmica orientada a objetos. É um sistema de gerenciamento da aprendizagem (SGA ou LMS, em inglês), em formato modular altamente configurável, ou seja, um sistema computacional que pode ser configurado com várias ferramentas (Blocos, Recursos e Atividades) para favorecer a aprendizagem.

É um sistema computacional pautado em princípios pedagógicos dentro de uma perspectiva sócio-construtivista de aprendizagem. Ou seja, a aprendizagem não é concebida como fruto da relação direta entre o sujeito e o objeto do conhecimento, mas é sempre mediada por instrumentos e símbolos, sendo a linguagem o principal elemento mediador da aprendizagem (VYGOTSKY, 2001). Em função disto, o sistema oferece inúmeras ferramentas visando à interação entre os participantes e à construção colaborativa do conhecimento. A partir da escolha das ferramentas disponíveis, podem ser construídos diferentes ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs).

As ferramentas disponíveis no Moodle podem ser organizadas em quatro categorias em função de suas principais funções: informação, interação, co-criação e avaliação (SEITZINGER, HARPER e HENRICK, 2012).

As ferramentas de informação permitem ao professor publicar no ambiente on-line informações e conteúdos de diferentes formatos (textos, vídeos, arquivos de áudio, apresentações, planilhas eletrônicas, etc.). Nessa categoria, são incluídos os seguintes recursos: arquivo, livro, página, pasta, rótulo e URL, sintetizados no quadro abaixo [figura 1]:

Arquivo	Permite o acesso a arquivos de diversos formatos.
Livro	Permite que as informações sejam disponibilizadas em várias páginas organizadas em formato de livro.
Página	Permite a disponibilização de uma página em formato web com texto, imagens, link, vídeos, etc.
Pasta	Permite o acesso a um diretório onde são armazenados vários arquivos.
Rótulo	Permite a apresentação de informações na interface inicial de um curso.
URL	Permite o acesso a um site externo.

Figura 1: Ferramentas de informação disponíveis no Moodle

As principais ferramentas de interação disponíveis no Moodle são o chat e o fórum de discussão. Elas permitem a interação direta entre os participantes. O chat constitui-se em uma ferramenta de comunicação síncrona em que os alunos precisam estar conectados ao mesmo tempo. Já o fórum é uma ferramenta de comunicação assíncrona, onde os participantes não precisam estar conectados todos ao mesmo tempo. Em função disso, essa ferramenta permite ao aluno uma maior reflexão sobre a escritura de seu texto e, por isso, foi uma das ferramentas mais utilizadas nos cursos de Sociologia como será discutido na próxima seção deste relato.

Dentre as ferramentas de co-construção disponibilizadas no Moodle, temos: a base de dados, o glossário e a wiki. A base de dados é uma ferramenta recentemente adicionada ao sistema. Permite que sejam criados repositórios colaborativos (textos, reportagens, vídeos, “cartoons”, tirinhas, etc.). Já o glossário possibilita a explicação de conceitos-chave e também pode ser construído de forma colaborativa, a partir das postagens dos alunos. A “wiki” permite a produção textual colaborativa, em que vários alunos podem editar um mesmo texto ao mesmo tempo. Além de informações textuais, podem ser inseridos imagens e vídeos no corpo do texto. Essa foi uma das ferramentas priorizadas na segunda etapa das atividades com os estudantes nos cursos de Sociologia.

Dentre as ferramentas de avaliação disponíveis no Moodle, destacam-se: a escolha, o laboratório de avaliação, a lição e a tarefa. A escolha pode ser utilizada na forma de enquete, em que os alunos têm que escolher uma das opções disponíveis. O laboratório de avaliação permite a avaliação por pares e a auto-avaliação. Com o uso da lição, o conteúdo pode ser apresentado por meio de navegação orientada, no estilo de “webquest”. A tarefa permite o envio de trabalhos a serem corrigidos e avaliados exclusivamente pelo professor.

Cumprе ressaltar que o Moodle por si só não representa nenhuma inovação pedagógica. Somente o professor é que, a partir da seleção das ferramentas disponíveis e da mediação pedagógica, poderá ou não criar ambientes de aprendizagem visando à ampliação do espaço de sala de aula dentro de uma perspectiva inovadora.

4. O ensino de Sociologia em um ambiente virtual de aprendizagem: reflexões sobre a experiência no Colégio Pedro II

Uma das questões que mais tem mobilizado as discussões sobre o ensino de Ciências Sociais na escola de Educação Básica se refere às estratégias pedagógicas que devem ser implementadas para que os objetivos previstos nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio possam ser alcançados. Desse modo, a desnaturalização e o estranhamento devem resultar no desenvolvimento, por parte dos estudantes, da habilidade de produzir conhecimento sobre os fenômenos sociais, especialmente aqueles relacionados à realidade social brasileira. Nesse contexto, um objetivo a ser perseguido é a superação, ao menos nas aulas de Sociologia, dos limites impostos pela adoção, em boa parte dos espaços escolares, de uma percepção utilitarista da educação, no que Freire (1997) denominou com propriedade de educação bancária.

Nesse aspecto, Ferreira e Lima (2014b:2) defendem que o ensino de Ciências Sociais deve ter como norte propor ao educando “uma perspectiva humanista, crítica e autônoma da vida social.”

Lahire (2013) destaca que:

As ciências sociais têm por objetivo fazer ascender as realidades que permanecem invisíveis frente à experiência imediata. Por seu trabalho coletivo de reconstrução paciente, elas oferecem imagens particulares do mundo social, de suas estruturas, das grandes regularidades ou dos principais mecanismos que os regem. (LAHIRE, 2013: 29)

Na tentativa de realizar essas premissas, a parceria com os recursos proporcionados pelas tecnologias da informação e comunicação é fundamental para que se desenvolvam múltiplas estratégias de ensino-aprendizagem, possibilitando, dessa forma, o envolvimento dos estudantes como atores da produção do conhecimento, a expansão do espaço da sala de aula e a transformação do processo de formação em construção coletiva dos estudantes.

Optamos pela adoção da pesquisa-ação como metodologia que orientou as ações realizadas com os estudantes. Engel (2000) a define como um tipo de pesquisa participante que se opõe à pesquisa tradicional e que surge da necessidade de superar a diferença entre teoria e prática. De

acordo com ele “através dela se procura intervir na prática de modo inovador já no decorrer do próprio processo de pesquisa e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final do projeto” (2000, p. 181). Compreendemos que a apropriação feita pelos estudantes da tecnologia não se caracteriza pelo seu uso enquanto ferramenta de produção coletiva de conhecimento, portanto, nos propusemos a modificar – ao menos em parte – essa situação.

Thiollent e Colette (2014) destacam que a pesquisa ação se insere no conjunto de práticas pedagógicas que possuem um caráter emancipatório. No âmbito de nossa proposta isto significou permitir aos estudantes modificarem sua condição de receptores da informação em produtores de conhecimento. Cabe ressaltar que esse é um percurso marcado também por dificuldades advindas de diferentes fatores, tais como o status atual tanto das Ciências Sociais como da Informática Educativa no interior das escolas, a dificuldade e a pouca experiência dos estudantes na utilização de recursos tecnológicos de forma colaborativa com propósitos educacionais.

Mesmo no Colégio Pedro II, uma instituição que tem tradição de inclusão das Ciências Sociais em sua grade curricular, as condições disponibilizadas para as aulas de Sociologia não são as ideais. A disciplina, no Ensino médio, dispõe de um tempo de aula semanal e dois tempos a cada dois sábados, o que dificulta o desenvolvimento das atividades e discussões com os estudantes. Por conta disso, a parceria estabelecida com a Informática Educativa para o uso do ambiente Moodle possibilitou a expansão do tempo de contato dos professores e dos alunos com a Sociologia.

Outro destaque importante é a opção pela utilização de um quantitativo limitado de ferramentas disponíveis, muito por conta da carga horária semanal de aulas dos estudantes, evitando sobrecarregá-los em demasia. Ainda assim, a experiência tornou possível a descoberta conjunta de novas e promissoras formas de construção do conhecimento conforme descreveremos a seguir.

A proposta de utilização do Moodle surgiu durante o ano letivo de 2012. Entretanto, sua efetivação ocorreu a partir do ano letivo de 2013, com o envolvimento dos professores de duas áreas do conhecimento: a Sociologia e a Informática Educativa. Nesse texto, descreveremos

brevemente duas experiências realizadas com estudantes do Ensino Médio em dois anos consecutivos, na primeira e na segunda série. Os conteúdos trabalhados corresponderam às temáticas desenvolvidas nas aulas de Sociologia no segundo semestre do ano letivo de 2013 e no primeiro semestre do ano letivo de 2014.

Na experiência piloto em 2013, houve a participação de três turmas do primeiro ano do Ensino Médio do turno da manhã, envolvendo pouco mais de 110 alunos. O tema escolhido foi *Mundo do trabalho e integração social no Rio de Janeiro*. Foram criados ambientes de aprendizagem para cada uma das turmas e cada estudante recebeu um “login” e uma senha de acesso para que pudesse utilizar a plataforma.

Duas estratégias foram priorizadas nesse momento. Em primeiro lugar, o uso das ferramentas como uma extensão das aulas. Desse modo, foram disponibilizados materiais complementares (textos, vídeos, etc.) sobre a temática desenvolvida, visando orientar os alunos na realização de pesquisas de campo com diferentes categorias de trabalhadores.

Uma segunda estratégia foi o uso da plataforma para o compartilhamento das informações obtidas na pesquisa com os demais estudantes da turma. Desse modo, os alunos poderiam postar relatórios, entrevistas e vídeos sobre as atividades que realizavam, permitindo aos colegas acesso às informações e estratégias de cada grupo. As postagens foram realizadas com o uso de fóruns de discussão, onde os alunos podiam compartilhar e debater suas experiências no decorrer da pesquisa.

Uma análise dos resultados obtidos aponta para um êxito parcial da proposta. Ainda que as pesquisas tenham sido realizadas, os vídeos produzidos, as reflexões sobre a realidade dos trabalhadores de diferentes categorias profissionais tenham sido bastante interessantes e o acesso aos materiais postados tenha ocorrido, houve pouca interação entre os grupos, principalmente nos fóruns de discussão.

Na segunda experiência, foram envolvidos alunos de seis turmas do segundo ano do Ensino Médio, dos turnos da manhã e da tarde, envolvendo aproximadamente 170 estudantes. A temática escolhida foi *Cultura e Ideologia*.

A partir de uma reflexão sobre a experiência anterior, somaram-se às estratégias anteriores, novas utilizações do ambiente virtual de aprendizagem. A diferença mais significativa foi que em 2014, o Moodle foi utilizado para a produção coletiva dos alunos. Sendo assim, os estudantes deveriam escolher dois fenômenos sociais e coletivamente produzir um relatório que discutisse, a partir dos conceitos debatidos em sala de aula, os desdobramentos, interpretações e propostas que considerassem adequadas ao fenômeno selecionado. Essa produção deveria considerar os conceitos de Cultura, Ideologia, Hegemonia e Contra-hegemonia. Deve ser ressaltado que a ferramenta “wiki” mostrou-se adequada para a escrita colaborativa e demonstrou ter sido a melhor escolha para a realização dessa atividade.

Figura 1: Modelo da atividade proposta aos estudantes.

Turmas de segundo ano. Campus Realengo II – Sociologia
Relatório do Primeiro Trimestre.

A partir das discussões, temas, imagens e textos trabalhados em sala de aula durante o primeiro trimestre, cada grupo produzirá um relatório entre duas e três laudas (cada lauda possui 1400 caracteres).
O relatório será produzido coletivamente pelo grupo e postado na sala de aula virtual em uma WIKI criada para cada equipe na plataforma moodle. Será construído em duas partes, que serão detalhadas abaixo:
Os parâmetros para a construção do relatório são os seguintes:

<p>Fonte: Arial 12. Título; (que deve ser criado pelos alunos a partir da temática/ fenômeno social que escolherem para analisar) Nome completo dos componentes do grupo; Relatório; Referências utilizadas.</p>
--

Parte 1

Nessa parte do relatório os alunos devem produzir um texto que discuta um fenômeno social contemporâneo à luz das discussões sobre Cultura, Ideologia, Hegemonia e contra-hegemonia, a partir do roteiro abaixo:

- a) Antes da produção do relatório, os alunos devem escolher um fenômeno social ou tema a ser discutido. Por exemplo, o movimento feminista como uma contra hegemonia à ideologia patriarcal, ou a Indústria cultural e a transformação do carnaval.
- b) Em seguida, o texto deve ser produzido, obedecendo à seguinte ordem:
 1. Apresentar o tema escolhido, justificando sua escolha.
 2. Sintetizar com suas próprias palavras, os conceitos de cultura, ideologia, hegemonia, contra hegemonia e indústria cultural.
 3. Descrever, contextualizar e discutir o tema, demonstrando sua relação com os conceitos – não precisam ser todos – do item 2. Devem ter atenção especial sobre como a ideologia dominante interfere nesse processo.
 4. Apontar elementos de contra hegemonia que estejam transformando ou possam vir a transformar a situação observada
 5. Elaborar uma rápida conclusão que expresse o olhar do grupo sobre a questão.

Parte 2:

Nessa parte do relatório, o grupo escolhe uma das imagens postadas pelos seus integrantes sobre a influência da cultura de massa no carnaval. Em seguida, responde em forma de relatório, o seguinte roteiro.

- a) Indicar qual foto/imagem foi escolhida para representar o grupo.
- b) Analisar a foto/imagem e apontar por que a mesma demonstra a influência que a cultura de massa e a indústria cultural têm sobre o carnaval de nossos dias.
- c) A partir das conclusões do grupo, responder a seguinte indagação: O carnaval é uma festa do povo? Com o cuidado de justificar sua resposta.

Em cada turma foram produzidos e compartilhados com os demais estudantes seis relatórios. Uma análise dos resultados dessa segunda experiência demonstra uma melhora significativa na utilização dos recursos do Moodle. Houve uma interação significativa entre os estudantes e efetivamente a produção coletiva da maioria dos textos. O percentual de estudantes que não interagiram foi bastante reduzido. Isso resultou em produção textual de qualidade sobre diferentes aspectos da realidade. Mais que isso, a experiência evidenciou a produção de conhecimento próprio por parte dos estudantes sobre os fenômenos, a partir de uma articulação entre as discussões em sala de aula, os materiais consultados e, principalmente, a interação com os demais estudantes.

Considerações Finais

As experiências realizadas no Colégio Pedro II nos permitem vislumbrar algumas possibilidades para o ensino de Sociologia na escola de Educação Básica. Em primeiro lugar, o uso do ambiente on-line como extensão do trabalho em sala de aula se mostrou uma estratégia interessante e de resultados satisfatórios. Além de se encontrarem presencialmente, alunos e professores podem se encontrar virtualmente o que possibilita que as discussões iniciadas em aula possam ser prolongadas e, principalmente, aprofundadas com o uso de fóruns de discussão e outras ferramentas de interação disponibilizadas no Moodle.

Por outro lado, o excesso de tarefas pode desencadear uma sobrecarga de trabalho tanto para os alunos quanto para os professores e caberá ao professor saber dosá-las, buscando sempre integrar o presencial e o on-line. Ou seja, não podem ocorrer rupturas, sejam de natureza temática ou pedagógica entre o trabalho feito em sala de aula presencial e o trabalho realizado nos ambientes virtuais de aprendizagem.

Outra possibilidade pedagógica propiciada pelo ambiente on-line se refere ao desenvolvimento da autonomia do aluno. Ao contrário da aula presencial em que normalmente é o professor que tem o comando do processo de ensino-aprendizagem (ou pelo menos ele costuma agir como se assim fosse), no ambiente on-line, esse controle se dilui entre os alunos. Por mais que caiba ao professor selecionar as ferramentas e orientar os alunos na realização das tarefas, o aprendiz tem um papel mais ativo. Ele define quando, onde e como deverá acessar as informações disponibilizadas, podendo tirar dúvidas não apenas com seu professor, mas também com seus colegas. Além disso, o ambiente Moodle permite que as interações sejam menos assimétricas, diminuindo a sobrecarga de trabalho do professor e favorecendo a autonomia do aluno.

O uso de ferramentas que favoreçam a escrita colaborativa também oferece muitas possibilidades para o trabalho de Sociologia. É importante o aluno perceber que o conhecimento não está pronto, acabado, nem é transferido de uma pessoa para outra, mas deve ser construído de forma colaborativa por diferentes sujeitos sócio-historicamente situados.

Sabemos o quanto é difícil a realização de trabalhos em grupo, onde na maioria das vezes as tarefas são divididas entre os alunos, mas não necessariamente compartilhadas e realizadas em colaboração e co-construção. O uso de ferramentas que permitam aos alunos se encontrarem de forma assíncrona (cada um em seu espaço e no seu tempo) e publicarem sua produção textual, interferindo e complementando o texto de seus pares, favorece a escrita colaborativa e, conseqüentemente, a construção coletiva do conhecimento.

Outro aspecto importante a destacar se refere ao rompimento do modelo comunicacional da sala de aula presencial, normalmente um-todos, em que o professor fala (um) e um grupo de alunos ouve (todos). Ou então, um aluno fala e também “todos” ouvem. Como a maioria das ferramentas

são de natureza assíncrona, novos modelos comunicacionais passam a ser usados: um-um e todos-todos. Dessa forma, o aluno ganha “voz” e passa a ser ouvido por professores e colegas, o que nem sempre é possível de ser realizado em função do curto tempo que a disciplina de Sociologia tem na grade curricular.

Por último, gostaríamos de destacar também que o trabalho com diferentes mídias (texto, vídeo, imagem, etc.) e diferentes gêneros discursivos emergentes da tecnologia digital (páginas web, “wikis”, fóruns de discussão, etc.) pode aproximar a escola do cotidiano social do aluno.

Conforme já mencionado, o uso do ambiente Moodle e de outras ferramentas tecnológicas por si só não representa nenhuma inovação pedagógica. Práticas pedagógicas equivocadas pautadas na transmissão do conhecimento e na visão do professor como o único detentor do saber também são encontradas no ambiente on-line. Por isso, é importante que a utilização dessas ferramentas não perca de vista as metas originais do ensino de Sociologia na Escola Básica: a desnaturalização e o estranhamento dos fenômenos sociais.

As experiências aqui compartilhadas representam, de alguma forma, uma tentativa de mostrar caminhos e possibilidades para o trabalho de Sociologia com o uso de ferramentas tecnológicas, em prol de uma educação mais justa, igualitária, democrática, que produza sujeitos autônomos e comprometidos com a construção coletiva da sociedade da qual fazem parte.

Referências

ARAÚJO, José Paulo de *et al.* **Manual de Referência Rápida para Uso do Moodle Versão 2.6.** 1ª. ed. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisa LingNet (UFRJ), 2014. Disponível em: <<http://www.lingnet.pro.br/manual/manual.html>>. Acesso em: 22 de julho de 2014.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Lei nº 11684, 02 de junho de 2008.** Lei ordinária que altera o artigo 36 da Lei 9394/2006.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Lei nº 4024, 20 de dezembro de 1961.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Lei nº 5692, 11 de agosto de 1971.** Diretrizes e Bases para a Educação Nacional.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo, Paz e Terra. 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro. Zahar. 2003.
- ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação in **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR
- FERREIRA, Fátima I. O. & LIMA, Rogerio. M. O Ensino de Sociologia e a(re) significação das redes sociais on line. In: André V. Figueiredo; Luiz Fernandes de Oliveira; Nalayane M. Figueiredo. (Org.). **Sociologia na sala de aula**. 1ed.Rio de Janeiro: Novo Milênio Editora, 2012, v. 01, p. 263-280.
- FERREIRA, Fátima I. O. & LIMA, Rogerio. M. (Re) descobrindo a Alteridade: reflexões sobre o ensino de Antropologia em turmas de educação básica. In: **29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, 2014, Natal, RN. Diálogos antropológicos: expandindo fronteiras, 2014b.
- FERREIRA, Fátima I. O. LIMA, Rogerio M. Tecendo redes e construindo conhecimentos: caminhos para o ensino de Sociologia na educação básica. **Saberes em Perspectiva**, v. 4, p. 165-182, 2014a.
- FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo. Paz e Terra, 1997.
- LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia. in **Sociologia e juventude no Ensino Médio: formação, PIBID e outras experiências**. GONÇALVES, D. N. (org) Pontes Editores. Campinas, São Paulo. 2013. p.15-50.
- LEMOS, André. **Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “cultura copyleft”**. Disponível em <www.radio.teatro.ufba.br>. Acessado em 20 de maio de 2011.
- LEMOS, Andre & LÉVY. Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo. Paulus, 2010.
- LIMA, Rogerio. M. Novos Olhares e Práticas, e porque não, Uma Nova Escola: A Sociologia e os rumos da educação básica. In: **XIV Congresso Brasileiro de Sociologia**, 2009, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.sbs2009.sbsociologia.com.br/>. Acesso em: 07 de outubro de 2014 às 9:50.
- MORAES, Amaury César. Licenciatura em Ciências Sociais e Ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. In **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, volume 15, número 1 São Paulo, 2003.
- MORAES, Amaury de S; GUIMARÃES, Elizabeth da F; TOMAZI, Néelson D. **Organizações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, Conhecimentos de Sociologia**. Volume 3, Brasília, MEC, 2006.
- NERI, Marcelo. Mapa da inclusão digital. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed695_mapa_da_inclusao_digital>. Acesso em: 08 de outubro de 2014 às 09:56.
- OLIVEIRA, A & CARDOSO, L. E. Estratégias e práticas na utilização do Moodle na disciplina de história. In Educação, Formação & Tecnologias; vol. 2; p.58-74, maio de 2009. Disponível em <http://eft.educom.pt>. Acesso em: 7 de outubro de 2014.
- RAIZER. Leandro (et al). A Importância da Disciplina de Sociologia para a Construção de uma Escola de Qualidade. Trabalho Apresentado no **XXIII Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação**, ANPAE, Porto Alegre, 2007.

SEITZINGER, Joyce; HARPER, Sue; HENRICK, Gavin. **Moodle 2: Activity Tool Guide for Instructors** . 2012. Disponível em: <http://docs.moodle.org/27/en/Moodle_manuals>. Acesso em: 22 de julho de 2014.

SOBRINHO, Helson Flávio S. “Eu odeio/adoro Sociologia”: sentidos que principiam uma prática de ensino. Texto apresentado no **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, SBS, Recife, 2007.

THIOLLENT, Michel J. M. e COLETTE, Maria M. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade in **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences** Maringá, v. 36, n. 2, p. 207-216, July-Dec., 2014